

A cultura, os saberes e a tradição no arranjo da economia solidária ambiental
Culture, knowledge and tradition in the arrangement of environmental solidarity economy

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes¹; CRUZ, Tânia Cristina da Silva¹

¹Universidade de Brasília, Centro UnB Cerrado, rcoelly@unb.br; taniacruz@unb.br

Resumo

O artigo tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre a importância da cultura, dos saberes e da tradição no arranjo da economia solidária ambiental. Tomamos como referência de análise o trabalho de extensão desenvolvido na Chapada dos Veadeiros, Goiás, com comunidades tradicionais da região, que têm em suas práticas produtivas forte vivência com o Cerrado, bioma predominante onde vivem. A sabedoria dessas comunidades revela que a riqueza e a diversidade do que plantam e produzem depende do Cerrado em pé e preservado. A natureza do bioma Cerrado ao ser transformada por essas comunidades em produtos (“bens da natureza”) requer o manejo adequado da flora, da fauna e das águas, como condição necessária para a manutenção de suas atividades produtivas, para a geração de renda, para a própria vida. Elas reconhecem que a biodiversidade do Cerrado é uma riqueza que não pode ser perdida ou esfacelada e tem que está integrada ao modo de viver sustentável.

Palavras-chave: Cultura tradicional; Cerrado; sustentabilidade; Chapada dos Veadeiros.

Abstract

This article aimed to give a brief reflection about the importance of culture, knowledge and tradition in the arrangement of environmental solidarity economy. We get as reference an analytical extension work developed in Chapada dos Veadeiros, Goiás, with traditional communities in the region that have strong production practices in their experience with the Cerrado biome prevalent where they live. The knowledge of these communities reveals that wealth, creativity and diversity that they grow depend on the savannah standing and preserved. The nature of the Cerrado transformed by these communities in products ("goods of nature") requires appropriate management (flora, fauna, water) as necessary to maintain their productive activities for income generation condition for their life. They recognize that biodiversity of the Cerrado is a wealth that can not be lost or shattered and has standing to integrated sustainable way of living.

Keywords: Traditional culture; Cerrado; sustainability; Chapada dos Veadeiros.

Introdução

Pensar o lugar da cultura, dos saberes e da tradição no arranjo da economia solidária ambiental nos remete aos saberes e fazeres elaborados pelas comunidades tradicionais. Essas comunidades têm muito a nos dizer, especialmente no contexto de crise ambiental em que vivemos.

A crise ambiental impõe reflexões sobre nossos valores, nossos comportamentos e atitudes diante de um mundo globalizado cada vez mais dinâmico, onde a questão ambiental tem centralidade no debate. Esse contexto, também entendido como um momento de transição (Pires, 1998; Leff, 2001; Gonçalves, 2002; Arcary, 2006), impõe uma tomada de posição sobre quem somos, o que queremos, como devemos agir para garantir mudanças significativas. É também um “momento de criação”, que requer imaginação e reflexão diante dos desafios postos (Gonçalves, 2002).

Unger (2001, p. 19) compartilha da ideia de momento criativo que a crise oferece e enfatiza: “Encontramo-nos diante de um desafio: o de saber decidir e discernir, o de saber realizar uma superação criadora deste momento que nos permita alcançar um novo patamar de pensamento, uma outra maneira de experienciar o mundo e a nós mesmos.”

Não podemos deixar de lembrar que a crise ambiental é mais uma crise de sociedade do que da natureza (Maldonado, 1971). Essa posição traz para o campo do debate a sociedade, sua atuação e responsabilidade diante das questões ambientais, que não são somente da natureza em si, mas são também sociais, políticas, econômicas e ecológicas. Devemos agir no sentido de garantir mudanças significativas que (re)estabeleçam o diálogo sociedade e natureza. Essa prática deverá contribuir para a construção de um modelo societal mais justo social e ambientalmente.

As discussões em torno da crise colocam na pauta a superação de paradigmas, numa visão contra-hegemônica, e neste contexto surgem debates que incluem as comunidades tradicionais e seu papel estratégico. A pergunta que nos estimula nessa discussão é: o que têm a nos ensinar as comunidades tradicionais sobre a economia solidária ambiental?

Metodologia

Comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Goiás, especialmente dos municípios de Alto Paraíso de Goiás (distritos do Moinho e da Vila São Jorge) e Cavalcante foram a base para esse estudo. Desde 2010, o Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros (Centro UnB Cerrado) vem desenvolvendo pesquisas e atividades de extensão com essas comunidades por meio dos seguintes instrumentos de coleta de dados: diagnósticos rurais participativos, registros etnográficos, oficinas, entrevistas de histórias de vida, entrevistas temáticas e observação participante. Grupos e pessoas dessas comunidades tradicionais foram selecionados e o critério de seleção tomou como referência ter domínio sobre práticas tradicionais associadas ao Cerrado e aos princípios da economia solidária.

Resultados e Discussão

Os estudos permitiram identificar que comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros não se diferenciam muito das características de tantas outras comunidades existentes no Brasil, mas elas apresentam particularidades que dizem respeito à região onde estão situadas, *core* do Cerrado brasileiro.

Na região, esses grupos não formam um quadro homogêneo. As muitas transformações ocorridas na Chapada, ao longo da sua ocupação, interferiram diretamente na condição desses grupos (Alburquerque, 1998). Comunidades tradicionais foram historicamente excluídas e pretendeu-se que seu conhecimento fosse esquecido. Existem aquelas que vivem em povoados e comunidades rurais, representadas principalmente por comunidades quilombolas; as que vivem em pequenas propriedades de caráter familiar; e um grupo remanescente que vive nas cidades da região, ou próximo a elas, mas que ainda têm forte vínculo com o meio rural.

Nos grupos estudados foi possível reconhecer que a identidade “ser tradicional” é uma estratégia para a condição de permanência no território, especialmente em comunidades quilombolas do município de Cavalcante. A identidade se constrói *no* e *com* o território e esse aspecto é bastante reforçado por esses grupos na coleta de dados realizada. Para comunidades tradicionais não é

possível ser tradicional sem o território. O território é fundamental para a reprodução do conhecimento tradicional (Sá, 2010).

Essas comunidades possuem forte vínculo com a natureza e biodiversidade do Cerrado. A interação com o meio ambiente se deu num contexto de longa duração de convivência com plantas, morros, rios, animais, águas, paisagens e outros elementos. Assim, as experiências de vida (saberes e fazeres) dessas comunidades estão fortemente associadas ao Cerrado. Este bioma sempre foi utilizado por elas, seja para atender condições de subsistência (em momentos que o isolamento regional era uma condição real), ou na geração da renda familiar. Observam que o uso da biodiversidade do Cerrado deve ser feito de forma responsável e que garanta sua preservação para as atuais e futuras gerações.

A sabedoria dessas comunidades revela que a riqueza e a diversidade do que plantam e produzem depende do Cerrado em pé e preservado. A natureza do Cerrado ao ser transformada por essas comunidades em produtos (“bens da natureza”) requer o manejo adequado (da flora, da fauna, das águas) como condição necessária para a manutenção de suas atividades produtivas, para a geração de renda, para a própria vida. Reconhecem que a biodiversidade do bioma é uma riqueza que não pode ser perdida ou esfacelada. O conhecimento sobre a flora, fauna, águas e rios, paisagens se dão a partir do território e torna possível reconhecer o potencial da sociobiodiversidade existente na região.

Identificamos que saberes e fazeres tradicionais associados à biodiversidade são parte da tecnologia social produzida por esses grupos e que se constituem como um “patrimônio de saberes”. A transformação da natureza do Cerrado por essas comunidades para a geração de renda e trabalho cria uma série de produtos como geleias, bebidas, remédios caseiros, garrafadas, produção artesanal, sabões, etc, cuja elaboração perpassa os princípios da economia solidária ambiental: produção local e familiar, cooperativismo, respeito à natureza, autogestão, criatividade, garantia de trabalho e renda, participação em “mercados alternativos” (como feiras) ou formação de empreendimentos familiares que permitem a venda dos produtos.

Na Chapada dos Veadeiros essas experiências podem ser identificadas no “rancho” do Seu Waldomiro, na “farmácia popular” da Dona Flor, na feira de Alto Paraíso (que agrega grupos tradicionais e alternativos), e em outras feiras locais. Essas experiências ainda são pontuais, mas dão à região um caráter peculiar e deixam registradas a presença de comunidades tradicionais e as marcas de seus saberes e fazeres.

Foi identificado que valores como o associativismo, a solidariedade, a coletividade, a cooperação, reconhecidos como valores sustentáveis, ainda estão presentes nas iniciativas de trabalho, produção e geração de renda de comunidades e grupos tradicionais da Chapada dos Veadeiros. A troca de experiências também foi identificada como elemento recorrente entre aquelas comunidades, mas que ao longo do tempo vem se perdendo, especialmente os *multirões*, prática coletiva de plantio, antes utilizada por muitos grupos tradicionais, que atualmente quase não ocorre. Muitos chamam a atenção para a necessidade de potencializar/resgatar valores tradicionais para projetos futuros na região.

A troca de experiências entre grupos tradicionais e não tradicionais (alternativos), também foi diagnosticado, especialmente na Feira de Alto Paraíso. Essa experiência revela que se trata de importante momento e oportunidade de difusão de conhecimentos no sentido de expandir os valores tradicionais e aprimoramento de saberes, principalmente os ecológicos.

Conclusões

A preservação da natureza é a primeira lição a ser aprendida e apreendida pelas comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros ao se pensar o lugar da cultura, dos saberes e da tradição no arranjo da economia solidária ambiental. Nas experiências daquelas comunidades a natureza é traduzida de diferentes maneiras e a (re) construção dessas experiências é parte da “sustentabilidade das tradições”.

Essa lição reconhecida nos remete à preservação ambiental como um pressuposto da economia solidária ambiental, como condição necessária que valide a produção e o consumo dos produtos (“bens da natureza”). Nesse sentido, o conhecimento compartilhado por comunidades tradicionais reforça que todo o processo produtivo (da venda ao consumo) deve ser sustentável e solidário não somente entre os homens, mas entre os homens e o Planeta. Sem essa condição não é possível reconhecer a economia solidária como ambiental.

Além disso, as comunidades estudadas nos lembram que as tradições possuem lugar estratégico na discussão global diante da crise ambiental, e em torno dos novos arranjos produtivos, como a agroecologia. Por isso, é importante salientar a importância de que o conhecimento e valores tradicionais sejam compartilhados por outros grupos de forma colaborativa na busca de um novo modelo de sociedade. Expandir conhecimentos e valores compartilhados por comunidades tradicionais permite a valorização desses grupos e possibilita contribuir para a construção de novos arranjos produtivos e sociedades sustentáveis.

Referências bibliográficas

- ALBURQUERQUE, José A.M. A construção do espaço na Chapada dos Veadeiros. In: DUARTE, Laura Maria Goulart; BRAGA, Maria Lúcia de Santana (orgs). Tristes cerrados: sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo, 15, 1998.
- ARCARY, Valério. O encontro da revolução com a história: socialismo como projeto na tradição marxista. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann: Xamã, 2006.
- GONÇALVES, Carlos Walter P. Um pouco de filosofia no meio ambiente. In: QUINTAS, J.S. (org.). Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. Brasília: IBAMA, 2002.
- LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MALDONADO, Tomas. Meio ambiente e ideologia. Lisboa: Sociocultura, 1971.
- PIRES, Mauro Oliveira. A trajetória do conceito de desenvolvimento sustentável na transição paradigmática. In: DUARTE, Laura Maria Goulart; BRAGA, Maria Lúcia de Santana (orgs). Tristes cerrados: sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo, 15, 1998.
- SÁ, Laís Mourão. Terra, território, territorialidade no modo de vida e na identidade cultural camponesa. Brasília, Universidade de Brasília, 2010.
- UNGER, Nancy Mangabeira. Da foz à nascente: o recado do rio. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.